

# Entre o feminino imemorial e a recusa ao feminismo: debatendo pornografia feminista com “mulheres modernas”

## Between the immemorial feminine and the refusal to feminism: debating feminist pornography with “modern women”

Carolina Ribeiro<sup>a</sup>

### Resumo

Este artigo, fruto da dissertação de mestrado, vai debater algumas categorias como homossexualidade, feminismo e corporalidades a partir da pornografia feminista da diretora, produtora e escritora Erika Lust, utilizando da visão de quatro mulheres curitibanas que participaram do grupo focal realizado no ano de 2013, no qual foram exibidos dois filmes de Lust em duas diferentes sessões e depois conduzido um debate aberto. Essa discussão traz à tona uma interessante mirada sobre a percepção dessas “mulheres modernas” sobre o que é o feminismo para elas. As questões que norteiam a análise aqui desenvolvida são: quais as principais mensagens da pornografia feminista de Lust? Como essas mensagens foram compreendidas pelas mulheres do grupo focal? O que esses dados podem nos dizer sobre sexualidade, corporalidade e subjetividades?

**Palavras-chave:** pornografia feminista; grupo focal; feminismos; sexualidades; corporalidades.

### Abstract

This article, result of the master’s degree dissertation, will discuss some categories such as homosexuality, feminism and corporalities from the feminist porn of the director, producer and writer Erika Lust, using the view of four women from Curitiba who participated in the focus group conducted in 2013 in which they were shown two Lust films in two different sessions and then conducted through an open debate. The questions that guide the analysis developed here are: what are the main messages of Lust’s feminist pornography? How were these messages understood by the women of the focus group? What can these data tell us about sexuality, corporality and subjectivity?

**Keywords:** feminist pornography; focus group; feminisms; sexualities; corporalities.

---

<sup>a</sup> Doutoranda e Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, PR, Brasil.  
Contato: carola.ribp@gmail.com

## Introdução

Este artigo é fruto da dissertação de mestrado, defendida em março de 2014. Aqui será debatida a pornografia feminista da diretora Erika Lust a partir de um recorte específico, com uma metodologia mista criada particularmente para a análise desse objeto. Dentro da amplitude da dissertação, selecionei uma parte inédita e pouco trabalhada na pesquisa: o grupo focal. Procuo compreender, a partir desse, como as mulheres que participaram do grupo entendem certas categorias relacionadas a pornografia feminista, como feminismo, corpos e sexualidades. Antes de começar a desenvolver e debater propriamente a respeito da diretora e do grupo focal, busco estabelecer uma base para se pensar sobre o que falamos quando nos referimos a pornografia feminista.

A pornografia feminista é uma forma de expressão política, cultural, estética e social de retratação do sexo que tem como objetivo quebrar com os padrões mais conhecidos e comercializados de pornografia, mostrando outras formas de corpos, sexualidades, desejos e/ou sexos. Para isso, parte de novos formatos de filmagem, roteiros e narrativas, visando ampliar as retratações de sexo e das sexualidades, especialmente dos corpos de mulheres e de corpos “*queer*”. Assim, as diretoras, produtoras e propagadoras de pornografias feministas buscam formas alternativas de retratar as subjetividades e corporalidades. Enfim, acreditando que, dessa forma, os sujeitos que estão à margem dos discursos de poder se apropriarão de suas sexualidades e desejos, quebrando com o papel visto na pornografia *mainstream*<sup>2</sup> e atuando em novas formas de representações.

Eu não acredito e nem tenho a intenção de que todos os tipos de pornografias feministas se enquadrem na descrição acima, mas para chegar até essa definição eu analisei, especialmente, o *Feminist Porn Awards*, que é o prêmio de pornô feminista que tem pautado uma série de propostas e de reconhecimento no campo, assim tendo limites práticos a definição relatada está pautada pelo recorte desta pesquisa.

Partindo desses apontamentos iniciais, questiono: quais as principais mensagens da pornografia feminista de Lust? Como essas mensagens foram compreendidas pelas mulheres do grupo focal? O que esses dados podem nos dizer sobre sexualidade, corporalidade e subjetividades?

## Mergulhando na luxúria: contextualizando Erika Lust

Neste tópico aprofundo-me na apresentação de Erika Lust, sujeito que foi foco de minha pesquisa. Lust é produtora, diretora e escritora de pornografia feminista, com várias produções renomadas e premiadas em eventos como Feminist Porn Awards, Barcelona Erotic Film Festival e CineKink Festival. Nascida na Suécia, atualmente mora em Barcelona, onde tem sua própria produtora de filmes eróticos.

Na primeira página de seu site oficial descreve-se<sup>3</sup> como: “diretora de filmes eróticos premiados, autora, mãe e blogueira morando em Barcelona” (tradução livre). Produziu, até abril de 2015, dez filmes, entre longas e curtas metragens, escreveu cinco livros, entre romances,

<sup>1</sup> Ao referir a corpos “queer” intento levantar nxs leitorxs uma imagem de um corpo fora das normas do biológico, definido a partir da dissonância entre a quadra sexo-gênero-desejo-prática. Não quero, contudo, criar um corpo do qual não se fala, mas sim desejo colocar aqueles sujeitos cujas performances não se enquadram na ordem quadruplica normativamente pensada. Assim, não intento que queer vire categoria classificatória, mas pensando a partir de Judith Butler (2010), quais corpos são viáveis e quais desses corpos viáveis são representados ao pensarmos numa pornografia *mainstream*? Os corpos “queer” então fogem dessa formulação dos corpos representáveis, são novas corporalidade e subjetividades apresentadas em alguns dos filmes pornôs feministas.

<sup>2</sup> Pornografias *mainstream* são aquelas mais comercializadas e mais convencionais, que seguem um roteiro muitas vezes similar com sexo oral, sexo vaginal, sexo anal e ejaculação facial, tais atos podem variar, mas tem esses 4 elementos como clássicos. São massivamente conhecidas e produzidas.

<sup>3</sup> O site oficial da diretora é <erikalust.com>. Acesso em 27 abr. 2015.

biografia e guias, possui uma loja virtual de produtos eróticos e um site no qual se pode acessar um grande número de filmes pornográficos alternativos.

Além desse currículo, a diretora dá muitas entrevistas sobre sua produção em vários tipos de mídias, não só com foco em pornografia, mas em programas de TV estilo “talk shows”, blogs e revistas, especialmente aquelas voltadas para o público feminino, como Marie Claire, Nova, entre outras. Ressalto que dentro de todo esse material uma fala se destaca e mostra de forma clara como o pensamento da diretora se constitui e porque acha importante produzir filmes e textos na categoria da pornografia feminista:

Mas eu penso que nós mulheres precisamos de uma nova estética de filmes adultos, um tipo que abarque tudo, desde as roupas usadas pelos performers homens e mulheres, até o design da caixa do DVD. Desde um tempo imemorial o feminino tem sido normalmente mais estiloso e melhor desenhado do que o masculino, então por que isso não deveria ser também verdade em relação ao pornô? O nosso será simplesmente mais bonito. (LUST, 2010, p. 34, tradução livre).

Para compreender melhor esse pensamento e como isso impactava em outras pessoas, construí um grupo focal, no qual transmiti dois filmes da diretora: *Five Hot Stories For Her* (primeiro longa-metragem da diretora) e *Cabaret Desire* (último longa-metragem dentro do recorte temporal da pesquisa). Para trabalhar os dois filmes na dissertação me baseei em quatro técnicas de análise: Análise de olhar (John Berger, 1999 e Teresa De Lauretis, 1984; 1993); Transladação (Diane Rose, 2002); Etnografia de tela (Carmen Rial, 2003) e o Grupo Focal. A ideia de utilizar o grupo focal como parte da análise surgiu da demanda, antes elucidada, de entender como outras mulheres se sentiam ao assistir esses filmes, ou seja, se a diretora conseguia passar o que pretendia. Ampliei o foco do estudo para além da pesquisadora estudando as imagens, mas para o que outras mulheres compreendiam das mesmas, pensando ser necessário trabalhar a ideia de recepção dessas obras.

Quando comecei a programar o grupo focal me deparei com um desafio: como formar esse grupo? Que mulheres eu iria convidar? Qual o perfil? Consegui sanar essa questão ao estudar mais sobre Erika Lust. Defini, a partir de análise de seus textos e entrevistas, quais eram os grupos de mulheres a quem Lust se referia tão frequentemente em seus relatos, para quem ela dirigia seus filmes; demarquei, dessa forma, alguns pontos do que classifico como “mulher moderna”, termo retirado dos escritos da própria diretora.

Algumas características da mulher moderna, segundo Erika Lust são: tem autonomia sexual; a maternidade como escolha da mulher; uma sexualidade heterossexual, mas um desejo flexível, por exemplo, por outras mulheres e por homens gays, desejos esses que circulam como fantasia e fetiche. A mulher moderna também é autônoma no seu trabalho, tem o dito “bom gosto” para moda e artigos de luxos, embora não viva uma vida luxuosa e, o mais importante, ela se distancia totalmente do estereótipo de mulher “vadia”. Tais características ficaram mais claras conforme o encaminhamento do artigo e com as falas da diretora.

No Quadro 1 podem ser vistos os tipos de mulheres que Lust coloca em oposição às mulheres que existem retratadas na pornografia *mainstream*.

Pensando um pouco nessas características e nos tipos físicos das personagens de Lust comecei a montar o grupo focal.

Tomemos, então, o grupo focal como um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado. (KIND, 2004, p. 126).



### Quadro 1. Os diferentes tipos de mulheres.

Tipos de mulheres que existem no pornô	Tipos que mulheres querem ver no pornô
Prostitutas	Dona de restaurante
Babás	Executiva de negócios inteligente
Adolescentes excitadas	Mulher Presidente
Colegiais com maria Chiquinha, mini saias e pirulitos	Mãe solteira
Ninfas	Mãe casada
Líderes de torcida que chupam todos os caras do time	Designer gráfica
Garçonetes com orgasmos múltiplos	Uma atendente em uma loja de brinquedos sexuais

Garotas Baywatch<sup>4</sup>

Fonte: LUST (2010). \*Nota: dados organizados pela autora do artigo.

No grupo focal decidi por não incorporar pessoas de meu círculo pessoal, as quais eu não considerava portadoras das características definidas pela diretora. Através de amigas da universidade e da cidade de Curitiba comecei a montar o grupo focal, que se provou como um momento bastante desafiador. Convidei, via e-mail, Facebook ou mensagens de celular, 18 meninas, das quais oito me responderam positivamente e uma delas negativamente. As demais sequer responderam ao convite.

Posteriormente às respostas, o segundo problema enfrentado foi encontrar um dia e horário que todas pudessem comparecer. Mandeí a elas algumas sugestões e cinco delas tiveram respostas semelhantes a respeito das datas e horários possíveis. Decidi então marcar o grupo com essas cinco, no entanto, no dia, uma delas teve um imprevisto e não compareceu o que fez com que eu realizasse o encontro com quatro mulheres.

Abaixo apresento um perfil básico de cada uma delas. Ressalto que os nomes são fantasia e foram escolhidos por elas:

Gabriela tinha 23 anos, branca, cabelo preto, magra, usava brincos de pérola. No momento do grupo estava namorando, cursando faculdade de Direito; colocou-se como heterossexual, mas já ficou com mulheres por curiosidade, sem relações sexuais. Escolheu o nome Gabriela, pois era a segunda opção de nome que a mãe tinha para ela quando nasceu. No questionário preliminar disse que assiste filmes pornôs sempre que tem vontade, em algumas épocas várias vezes ao mês, em outras fica o mês todo sem assistir.

Raquel tinha 24, branca, cabelos ruivos, longos, lisos, magra, *piercing* no nariz e tatuagem de borboleta no ombro. Quando o grupo aconteceu estava noiva; é publicitária, heterossexual e nunca se relacionou com pessoas do mesmo sexo. No questionário preliminar respondeu que assiste a filmes pornôs sozinha, pois o noivo não gosta, menos de uma vez por mês. O nome Raquel foi escolhido pela participante, pois ela sempre achou que se tratava de um nome que representava melhor sua fisionomia.

Bruna – tinha 28 anos, cabelo castanho com mechas loiras, pele bronzeada, com tatuagem na nuca. Estava solteira no momento do grupo, mas se referiu algumas vezes a um parceiro fixo. Trabalhava como agente administrativa e é formada em Arquitetura e Urbanismo. Heterossexual e já se relacionou com mulheres, mas não quis comentar mais sobre o fato. Escolheu o nome Bruna, pois numa brincadeira, ao fim do grupo focal, a observadora do grupo disse que a achava

<sup>4</sup> Baywatch, no Brasil traduzido como SOS Malibu, foi uma série televisiva estadunidense sucesso de audiência, da década de 80 e 90, que retratava o dia a dia de salva vidas pelas praias. As garotas Baywatch usavam maios vermelhos e ficaram conhecidas por seus seios grandes que balançavam em câmera lenta enquanto corriam pela praia. A garota Baywatch mais famosa é Pamela Anderson. Informações retiradas do site oficial da série: <www.baywatch.com>. Acesso em: 02 fev. 2015.



parecida com a Bruna Surfistinha, ela gostou da ideia e resolveu aderir ao nome fantasia de Bruna. Assinalou que assiste filmes pornôns semanalmente.

Mel – a mais jovem do grupo, com 20 anos, cabelo castanho escuro, encaracolado e bem comprido, *piercing* na orelha e um sorriso simpático. Estava solteira quando o grupo aconteceu. Apresentou-se como bissexual, estava cursando Direito e Psicologia ao mesmo tempo. Disse que assiste filmes pornôns cerca de uma vez a cada dois meses.

Bianca<sup>5</sup> – observadora e colaboradora, socióloga. Com 25 anos na época, loira, magra, heterossexual e casada, não falou, mas fez muitas anotações que usei no texto.

Nós assistimos aos dois filmes da pesquisa, primeiramente o *Cabaret Desire*, posteriormente o *Five Hot Stories For Her*, em dois sábados pela manhã na sala de um grupo de pesquisa da Universidade. Passei os filmes em um projetor, a sala era escura com uma mesa redonda e cadeiras confortáveis, todas sentaram em volta da mesa, eu me posicionei numa cadeira atrás delas no canto da sala de onde podia observar todo o espaço.

É interessante notar que no primeiro dia em que nos reunimos elas ficaram, boa parte do filme, de braços cruzados, olhando fixamente para a tela, o desconforto era sentido até por mim, como um misto de vergonha e apreensão por ver cenas de sexo com pessoas desconhecidas, ou seja, era o privado sendo levado a um lugar público. Eu levei alguns sucos, chás e pacotes de bolacha os quais, quase no fim do filme, Bruna teve coragem de abrir de forma que foi vagorosamente seguida pelas outras mulheres. O sentimento de tensão e vergonha na sala foi sendo dissolvido quando elas começaram a comer, ficaram mais tranquilas e mais descontraídas. A técnica de colocar algo neutro como interação, para além do filme funcionou bem. A tensão vista na hora de assistir ao filme não foi encontrada na hora de falar, conforme eu introduzia os tópicos elas se engajavam em mil questões, com exceção de Mel, que eu, por diversas vezes, precisei chamar para participar da conversa. O grupo focal resultou num total de mais de quatro horas de conversa.

O que mais me interessa trazer neste artigo não são análises que elas fizeram sobre os filmes, mas o que elas entendiam dos termos e ideias que apresentadas pela pornografia de Lust, como a ideia do feminismo, o que pensam sobre homossexualidade, sobre mulheres e homens e o que elas pensaram sobre o trabalho da diretora. Como apontei anteriormente, na pesquisa de dissertação usei o grupo focal como parte da metodologia de análise dos filmes, aqui separei alguns pontos de análise para além dos filmes, com base nas ideias propostas pela diretora em suas entrevistas, livros e em seu site.

## **Feminismos, sexualidade e estereótipos**

Este tópico aprofunda-se no foco temático deste artigo, debatendo aqui como as mulheres do grupo focal entendiam uma série de pontos de diálogo entre a pornografia feminista e o público consumidor, neste caso representado pelas quatro mulheres descritas anteriormente.

Como temas transversais, o feminismo e a homossexualidade masculina apareceram como os pontos mais polêmicos no grupo. Com exceção de Mel que não expressou muito objeção aos debates em torno desses tópicos, as outras três participantes foram duras em suas críticas. Elas eram mulheres de opiniões fortes e não pouparam nem a diretora, nem a sexualidade, nem os movimentos sociais.

Começando pelo feminismo, parto da ressalva de que esse movimento social não representa uma homogeneidade de ideias. Os feminismos são os mais plurais e dinâmicos possíveis.

<sup>5</sup> Bianca não foi mediadora. Ela não fez intervenções no grupo, mas colaborou com as anotações, descrevendo como as meninas estavam vestidas e seus comportamentos corporais no grupo, sem ter participação direta no mesmo.



Podem ser divididos didaticamente em três ondas ou gerações, que segundo Narvaz e Koller (2006) podem ser descritas da seguinte forma:

As três gerações do feminismo, quer em seus aspectos políticos quer nos teórico-epistemológicos, não podem ser entendidas desde uma perspectiva histórica linear. As diferentes propostas características de cada uma das fases do feminismo sempre coexistiram, e ainda coexistem, na contemporaneidade. A fase surgida mais recentemente, a terceira geração do feminismo, tem grande influência sobre os estudos de gênero contemporâneos (Louro, 1999). As questões introduzidas pela terceira geração do feminismo revisaram algumas categorias de análise que, apesar de instáveis, são consideradas fundamentais (Harding, 1993; Louro, 1995; Scott, 1986) para os estudos de gênero. Estas categorias estão articuladas entre si, e são: o conceito de gênero; a política identitária das mulheres; o conceito de patriarcado e as formas da produção do conhecimento científico. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649-650).

Como pode ser visto na citação anterior, os feminismos se mantem, até hoje, com características particulares. Feministas pró escolha, feministas antipornografia, feminismos negros, transfeminismo, feminismo liberal, são algumas das categorias classificatórias, que servem mais como guia para compreendermos as multiplicidades desse movimento do que para definir fronteiras.

O atual feminismo brasileiro nasce, nos anos 70, no panorama internacional que instituía o Ano Internacional da Mulher (1975), favorável, portanto, à discussão da condição feminina e, ao mesmo tempo, no amargo contexto das ditaduras latino-americanas, que calavam, implacáveis, as vozes discordantes. (SARTI, 2001, p. 32).

Esse contexto não foi dado as participantes do grupo focal, elas vieram com suas próprias noções e para todas elas a palavra “feminismo” aparecia com portadora de uma carga negativa. Bruna demonstra bem essa negatividade ao dizer: “pornô feminista me deu outra ideia, a sociedade tem a ideia do feminismo como a mulher no controle, eu achei um pornô feminino, um negócio mais suave”. Tal suavidade e delicadeza para três delas não estavam vinculadas ao feminismo, mas sim ao feminino e davam a entender que essas esferas eram quase excludentes.

Como muito bem contextualiza Soihet ao falar das perversas zombarias do jornal O Pasquim:

Contra essas mulheres, as temidas “feministas”, lançavam seus dardos inúmeros articulistas de O Pasquim. Antigos estereótipos são restaurados, entre outros, a feiura, a menor inteligência ou, inversamente, o perigo da presença desse atributo, a inconseqüência, a tendência à transgressão, a masculinidade com vista a identificar negativamente aquelas que postulavam papéis considerados privativos dos homens. (SOHEIT, 2005, p. 595).

Ao falar do jornal O Pasquim, Soihet nos atenta para uma importante reprodução de discursos que se alonga até os dias de hoje, usando do humor como arma para enunciados normativos serem perpetuados através de estereótipos. “No humor vale tudo” ou “liberdade de imprensa” são falas que justificariam qualquer tipo de piada, ideia ou perpetuação de discursos, legitimando violências. Assim, relembrar as questões pautadas por Soihet nos demonstra que, embora o artigo seja datado, ainda pode servir como exemplo de reprodução de discursos normativos, que são perpetuados em outros contextos, como no grupo focal realizado, que apresentam o feminismo carregado de negatividade. Quase como uma visão única, as meninas do grupo focal reproduziram esses discursos, optando pelo termo “feminilidade”, como se ambos fossem campos excludentes.

Em outro momento Bruna aponta: “quando joga a palavra feminista na maioria da população que não sabe das coisas, sempre vai achar que... O que que é feminismo, né? É queimar sutiã, assim... Aquelas atitudes mais extremistas, né? E no filme não teve isso, você vê que as mulheres são mulheres normais”, ou seja, com as características vistas no filme: “femininas”, que “gostam de se produzir”, que “se depilam”, que são “mães”, entre outros ideais do que seria uma mulher real. Tentando explicar que aquela não era a visão dela, mas sim das massas, Bruna acaba por reforçar alguns estereótipos do que é ser mulher feminista, como aquela que queima seu sutiã, novamente a mulher que nega sua feminilidade e sua docilidade.

O filme, contudo, serviu para que ela compreendesse que as mulheres feministas podiam ser “mulheres normais”, termo usado pelas próprias participantes. Esse foi um dos pontos de tensão, mas ao mesmo tempo de compreensão, ao perceberem em *Lust* um feminismo que elas reconheciam como possibilitador de uma brecha para falar sobre suas visões de feminismo.

Mel tentou em sua fala desvincular o feminismo do machismo e concluiu que o feminismo não é violento nem agressivo. Destoando em alguns pontos do que foi afirmado pelas outras participantes, ela nomeou-se feminista e feminina: “o feminismo hoje que todo mundo tanto luta para mostrar que não é... que é bem isso, é mostrar a mulher delicada, lutando pelos direitos, mas nunca perdendo esse lado feminino de ser.” As impressões de Mel eram próximas do feminismo apresentado por *Lust*, ou seja, da mulher que vai à luta, mas não deixa a sua feminilidade de lado, saindo do papel de objeto e sendo elevada ao papel de protagonista de sua vida e sexualidade.

O mito da beleza ou a tirania dos ideais de beleza na sujeição das mulheres foi explorado por muitas feministas nos anos 70. A novidade é a maneira pela qual a luta das mulheres para melhorar sua aparência passou a ser legitimada. A preocupação com a aparência e o uso das tecnologias de embelezamento têm sido, atualmente, reinterpretadas como uma vitória do feminismo. O novo discurso sobre a beleza considera que as mulheres modernas rejeitam o papel tradicional fundado no sacrifício e no sofrimento, substituindo-o por um egoísmo sadio e pelo prazer do cuidado de si, e passam, então, a ter orgulho de exibir em público seus corpos objeto de desejos. Portanto, longe de serem vítimas passivas de pressões culturais intoleráveis, provam uma capacidade admirável de remodelar sua vida e controlar seus destinos. (DEBERT, 2008, s. p.).

Completando sua ideia anterior, Bruna prossegue: “(...) O ser humano, o masculino tem muita ligação com o visual e a mulher já não”. Segundo ela, o “homem comum” não iria admitir que gosta desse tipo de filme. Já segundo Raquel: “o homem latino *caliente* vai dizer ‘ah que bosta de filme nhe nhe nhe’”. Elas expressam que a maior parte dos homens acredita que tem de se excitar com o pornô *mainstream*. “Eu imagino a piazada de 16 anos, indo na locadora e pegando esse filme; eles iam ficar frustrados”, aponta Raquel. Isso mostra que o feminismo proposto pelos filmes de *Lust*, para elas, não alcançava os homens enquanto espectadores interessados, ou seja, não contemplaria um desejo masculino.

Raquel pensava que o pornô feminista estaria vinculado à mulher feminista que, segundo ela, é aquela que procura igualdade entre os sexos, que quer ser aceita como ela é. A primeira coisa que ela afirmou ter pensado quando ouviu o termo “feminista” na proposta do filme é que ele não teria preocupação com o corpo e com a estética corporal. Durante o bate papo, Raquel afirmou que acreditava que o filme se vinculava totalmente a apresentar essa outra concepção de corpo. Muito embora, como veremos mais adiante, há certa preocupação de *Lust* com uma questão estética, no entanto, diferente da pornografia *mainstream*. O feminismo da diretora reforçava uma bela estética para os filmes, mas uma preocupação menor, segundo as participantes, com a estética corporal.

O feminismo veio também vinculado a outro imaginário apresentado por Gabriela quando mencionou o próprio namorado. Segundo ela, contou a ele que participaria de um grupo sobre pornografia feminista e ambos procuraram na internet o que seria este assunto. Ela afirmou que encontrou, na busca, coisas “bem nojentas”, “mulheres muito peludas e menstruadas fazendo sexo”. Seguida por uma risada coletiva, Gabriela relatava se sentir feliz por perceber que o feminismo de Lust era diferente.

Quando perguntadas diretamente sobre o que elas acreditavam ser feminismo Raquel respondeu “ah, vai desde pequenas coisas como família, questões de amamentação, do homem participar de criação dos filhos, questões do trabalho, até as questões mais delicadas, eu diria, do corpo, como o corpo é meu eu faço o que eu quiser”.

Gabriela já acredita que o filme é feminista pelo fato de Lust transmitir aquilo que a mulher gosta, preocupando-se com as preliminares e não somente com foco em corpos bonitos e sexo. “Por ela (Erika Lust) se preocupar com o que a mulher gosta de ver e o prazer da mulher, eu concordo que seja feminista”. Contudo, o imaginário das mulheres menstruadas e peludas parecia continuar ali, pois havia certa relutância em aceitar a categoria feminista em que os filmes da diretora se encaixavam.

Bruna, por fim, contraria as outras participantes, dizendo: “eu não gosto do conceito de feminismo e machismo porque me remete a uma coisa agressiva, eu gosto de feminino e masculino, então (os filmes) não se encaixam no meu conceito de feminismo, com certeza, se encaixa num conceito de feminino”.

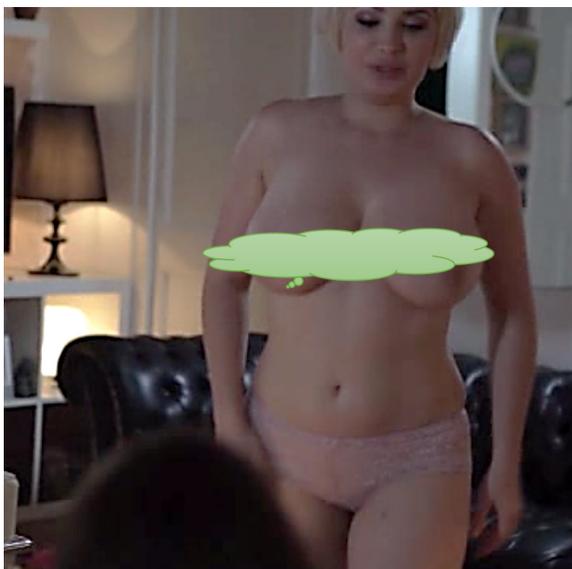
Durante a análise dos filmes e da proposta de Lust e pela própria separação entre mulheres modernas e mulheres vadias, percebo que o “feminino” acenado por Bruna, é um feminino tradicional, remetendo também a ideia de Mel da delicadeza, da valorização dos atributos “naturais” em corpos de mulheres, sem partir para uma “vulgaridade”. O que podemos chamar de medo do estereótipo do corpo das mulheres no pornô é justamente um corpo feminino abusado, vulgar e objetificado, que não ressalta a “feminilidade”.

Partindo agora para falar desses corpos tão debatidos e explorados, tanto por Lust, quanto pelas participantes, notei que o que mais gostaram foi de ver celulites, peitos caídos e de se sentirem representadas, uma vez que não acreditavam que a pornografia *mainstream* trazia algo parecido, descrevendo as pessoas dessa categoria de filmes como robóticas e as mulheres sempre com corpos sem marcas. Já os homens dos dois filmes decepcionaram minhas interlocutoras. Elas odiaram todos que lembravam, de alguma forma, o estereótipo do pornô. Segundo elas, somente um deles se sobressaiu, como mostro na imagem a seguir. Mas falaram muito pouco sobre excitação com o corpo dos homens, mas sobre o corpo das mulheres promoveram amplos e contínuos escrutínios.

As figuras 1, 2 e 3 mostram as principais características físicas que as meninas do grupo gostaram nas atrizes e atores.

Todas as pessoas que pareciam “ator pornô demais” foram descartadas. Esse foi um dos motivos que elas apontaram não ter gostado tanto do *Five Hot Stories for Her* como gostaram de *Cabaret Desire*, ou seja, quase todos os excertos caíram na categoria criada por elas de “ator pornô demais”. Esse “ator pornô demais” era aquele que fazia muitas caras e bocas, que gemia demais, ou que tinha um corpo muito musculoso ou bronzeado ou até mesmo aquele que elas acharam não estar curtindo o sexo. Ou seja, aqueles que passavam qualquer tipo de artificialidade na atuação ou corpo.

As mulheres como Nadia, da figura 4, que se afastavam do ideal da “mulher real” eram logo descartadas das possibilidades de excitação ou preferência. Em um dos excertos uma das atrizes usa acessórios em forma de cristais, colados na pélvis, que foram notados por Raquel e logo questionados: “que mulher usa aquilo?”. Reforçaram que acharam as mulheres menos



**Figura 1.** Sofia, gordinha e de seios caídos. Fonte: Filme Cabaret Desire (2012).



**Figura 2.** Alex, com manchas roxas na perna. Fonte: Filme Cabaret Desire (2012).



**Figura 3.** Homem eleito como o mais próximo da realidade. Fonte: Filme Cabaret Desire (2012).



**Figura 4.** Nadia, considerada fora da realidade, ou “pornô demais”. Fonte: Five Hot Stories For Her (2007).

depiladas que os homens, contudo quando analisados os filmes, percebi que a ausência de pelos corporais foi marcante em todos os excertos, tanto entre os homens como entre as mulheres.

Ainda sobre os corpos das mulheres, Bruna destaca, apesar do fato de as atrizes de Lust serem magras: “não acho que a mulher precisa ter gordurinhas ou ter algum defeito, assim, para o filme parecer natural”. Contudo, durante suas falas, as “naturalidades” apareceram ligadas a gorduras e seios caídos. Esses traços, vale ressaltar, foram considerados por Bruna como “defeitos”.

Durante a análise dos filmes evidencio que os corpos estão bastante vinculados a um padrão de normatividade. Antes da ressalva de Bruna, a proposta dos filmes de Lust, que seria de fugir do padrão, ainda mantém corpos magros, muito similares entre si, com quase nenhum pelo corporal e também corpos massivamente brancos.

Raquel expressa seu descontentamento com a pornografia *mainstream* que coloca homens, gordos, carecas com dentes podres e tortos para fazer sexo com “aquela mulher toda produzida”. Lust inclusive, em seu excerto *The Good Girl*, faz uma analogia a essa reclamação de Raquel e coloca quatro tipos de homens que as mulheres não querem: “o gordo tarado”, “o jovem maconheiro” e “o jovem afeminado”.

Os homens quando associados a qualquer atividade pensada como “feminina” foram vistos com rechaço por três das participantes. Da mesma forma agiu Lusta, ao definir a proximidade do feminino como não desejado pelas mulheres, ao mostrar os três tipos de homens que elas não querem. No primeiro filme passado no grupo focal, *Cabaret Desire*, que começa com um *pole dance* masculino e o último excerto do segundo filme que retrata um sexo entre dois homens, *Five Hot Stories for Her* foi visto por elas com certo receio. Raquel em um dado momento disse: “quando começou o sexo gay eu pensei ‘ai, não quero ver isso”.

Somente Mel considerou o sexo entre os dois homens como interessante e realista; as outras o colocaram como “muito estranho”. Segundo Gabriela, no excerto com sexo gay, os dois homens “meio ogros” sendo penetrados foi uma cena que não a agradou. Bruna diz: “dá a impressão de que o homem que estava sendo penetrado era a mulher da relação, ele tinha expressões, assim, que... que a gente vê na mulher, parece. Ele tinha postura, assim, de quem está sendo comida mesmo”.

Esse espanto, estranheza e afastamento que três das participantes relataram não foi encontrado quando o sexo foi entre duas mulheres. Para Bruna, as pessoas estão acostumadas a ver sexo entre duas mulheres. Apontando esse fato como “normal”, Raquel ainda vincula a ideia da maternidade, citando que suas amigas lésbicas querem ter filhos, o que seria uma justificativa para esta maior aceitação do sexo lésbico.



Entendo essas falas relativas ao sexo entre duas mulheres como “normal” vinculadas ao que aponta autora quer nos atentar para uma lógica perpetuada a partir da heterossexualidade colocada como “normal”, “legítima” ou “própria”:

Tal sexo é amplamente retratado na indústria *mainstream* heterossexual, visto, dessa forma, nessa mesma chave da heterossexualidade, mas colocado como fetiche, retomando a ideia de Judith Butler (2010) partindo da abjeção, pensando sobre a invisibilidade da homossexualidade feminina que está atrelada a uma invisibilidade social enquanto abjetas, atreladas a um extremo binarismo, mas também nos reforça a ideia de que o prazer das mulheres, de certa forma, está ligado a heterossexualidade ou aparece totalmente invisibilizado. O sexo entre mulheres foi aceito no grupo focal como fetiche ou como totalmente longe do prazer, pensando na maternidade e na sensibilidade das mulheres.

Já o sexo entre homens se mantém em outra esfera, feito para um público específico. Como vai nos dizer Osmundo Pinho, o sexo gay da indústria *mainstream*, embora com poder transgressor, ainda mantém os homens com características claras de virilidade, até mesmo homens heterossexuais, que fazem um sexo pago e ritualizado com outros homens. A virilidade foi apontada por elas ao acharem os homens meio “ogros”, contudo essa virilidade penetrada funcionou às avessas:

O sexo entre homens é, assim, tabu sagrado, apontado como anormalidade, doença, pecado ou desvio. Dessa forma, a homossexualidade afrontaria a ordem social em sua dimensão estrutural mais profunda. (PINHO, 2012, p.167).

Essas dinâmicas perpassaram a fala de três participantes com muito fervor. Aliando penetrador como ativo e, por consequência, masculino e o penetrado como passivo, por consequência, feminino. Gabriela até fala, quase em tom de denúncia: “e o cara ficava levantando a bunda e curvando as costas, aí credo!”. Contudo, ao analisar o filme, tal cena não apareceu, não havia as “bundas empinadas” dos homens e visualizadas por minha interlocutora.

Por fim, ressalto que, todas se sentiram mais representadas no filme *Cabaret Desire*, acreditando que o *Five Hot Stories For Her Lust* tentou se enquadrar mais na chamada indústria *mainstream*, com direito a ejaculações no rosto e sexos mais incansáveis. Uma delas relatou que se sentiu sonolenta durante o filme devido a uma maior mesmice do sexo.

## Considerações finais

Ao fim do grupo focal, todas pediram cópias dos filmes, disseram que pretendiam passar para amigas e Raquel até mesmo pensava em convencer o noivo, que não assistia pornô convencional, a dar mais uma chance para Erika Lust.

Bruna então disse: “é isso aí, tchau tchau velho pornozão”, frase que deu o título a minha dissertação, com o acréscimo de um ponto de interrogação ao final, uma vez que minhas reflexões caminham no sentido de questionar tanto essas impressões, quanto as próprias propostas da diretora. É interessante perceber que elas se sentiram bem representadas nos filmes, mesmo com todos os “poréns” levantados brevemente neste texto. Surgiram também preconceitos velados a partir de uma ética heteronormativa, no entanto, sentiram uma possibilidade de afirmação de suas sexualidades. O que vai ao encontro do que a diretora propõe.

A tentativa de Lust de romper com tudo o que os homens produzem não parece ganhar plena forma nos seus filmes, mas um pequeno grupo de mulheres, que se enquadram no perfil proposto por Lust, vê na sua pornografia uma saída a mais para expressão de seus desejos.



Até mesmo pela possibilidade, como apontou brilhantemente a frase de Bruna, de não mais assistir pornografia *mainstream*.

As meninas do grupo focal fizeram-me, enquanto pesquisadora, olhar com mais atenção uma série de processos que até então haviam passado despercebidos por mim. E graças às conversas com elas percebi que havia um potencial subversivo, obviamente que para um pequeno grupo, pautado em outra forma de entendimento da sexualidade. Mesmo se constituindo enquanto um grupo específico de mulheres, elas se sentiram representadas e “normais”, ou seja, não hipergeneralizadas (DIAZ-BENITEZ, 2010).

As visões que elas tinham de feminismo, nem sempre calhando com os mais diversos tipos de feminismo existente, fizeram com que essas mulheres separassem o “feminino” do feminismo, especialmente por conta da preocupação estética, as colorações dos filmes e a preocupação em expor corpos diferentes do que vemos na pornografia *mainstream*. Apenas uma delas expôs que acreditava ser possível um “feminismo feminino” e que, nesse sentido, ela se sentia sim representada pelo feminismo. Uma delas recusou diretamente a terminologia e outras 2 não falaram diretamente se eram ou não feministas, mas apontaram críticas a partir da visão delas desse movimento. Vale ressaltar que esse afastamento do feminismo parece se dar, principalmente, em relação aquele considerado mais combativo e mais crítico às posturas dos homens. Merece maior análise, no entanto, arrisco dizer, que se trata de desejar um feminismo mais comportado, atento às questões estéticas, mas não totalmente subversivo e transformador.

Ao falar da homossexualidade masculina a recusa foi tamanha para 3 delas. Uma, a mesma que se disse feminista, tentou relativizar a posição das outras 3, mas foi pouco ouvida. Falar do sexo gay envolveu também um amplo escrutínio sobre corporalidades, entendendo os corpos e atuações dos dois homens como antagônicas: corpos de homem *versus* performance de mulheres. O desejo de fechar os olhos para este excerto, como me apontou uma delas, fala muito mais do que somente sobre desejo, fala sobre construções discursivas que invisibilizam ou tornam “menos desejáveis” alguns tipos de sexo em detrimento de outros, assim como alguns tipos de atuação performática em detrimento de outras.

Os tipos de corpos trouxeram mais para a superfície a ideia de que existem “corpos certos”, “corpos mais reais” em oposição a corpos “menos reais” ou equivocados. As interpretações que pudessem soar para elas como falsas, como gemidos demais, muitas expressões faciais ou gritos, fora logo jogadas para o lugar de “corpos menos reais”, mesmo que fossem só por causa das expressões. Assim como os enredos que pareceram mais “reais” também ajudaram a elevar os corpos dos atores à mesma categoria. Homens muito musculosos foram descartados da categoria da realidade, criada por elas, mulheres que pareciam siliconadas ou se aproximavam muito de estereótipos, como a “femme fatale”, também foram descartadas.

Por fim, sobre a afirmação feita por Bruna, se despedindo da pornografia *mainstream*, considero uma atitude mais esperançosa do que realista. Essa pornografia é um mercado bilionário, muito embora esteja em decadência, como aponta uma reportagem da SuperInteressante:

Com a pirataria online e os sites onde é possível ver tudo de graça, o faturamento dos filmes eróticos caiu 50% nos últimos 3 anos; e as revistas pornô estão em crise profunda. Tanto que, nos EUA, as principais empresas do setor se juntaram para pedir que o governo monte um pacote, de US\$ 5 bilhões, para socorrer a indústria pornô - como fez com as montadoras de automóveis e o setor financeiro. Como Obama ignorou o pedido, a indústria tenta se adaptar aos novos tempos. Os estúdios pornô americanos, que chegaram a fazer filmes de altíssimo orçamento (o maior foi Piratas 2, de 2007, que custou o equivalente a R\$ 15 milhões - 50% a mais que o blockbuster brasileiro Tropa de Elite), agora estão apostando em vídeos de no máximo 10 minutos, sem enredo e com o mínimo de produção. (BLANCO, 2009, s. p.).



Essa indústria que perde milhões tem tentado inovar e valorizar novas formas de filmar o sexo, especialmente apoiada em tecnologias. Se levamos em conta o que aponta Preciado (2008), a sociedade farmacopornográfica vai muito além de um mercado, ela já se aliou a contemporaneidade como modo de vida e de escolhas, muito mais do que uma venda de produtos, ela é formatadora de subjetividades e identidades.

A sociedade contemporânea é habitada por subjetividades toxicopornografica: subjetividades que se definem pela substancia (ou substancias) que domina seus metabolismos, pela cibernética por meio do qual se tornam agentes, pelos tipos de desejos farmacopornograficos que orientam suas ações. (PRECIADO, 2008, p. 33, tradução livre).

Contudo, isso não é um incentivo para que não apareçam novas formas de resistência, a mensagem não é “tudo está perdido”, pelo contrário, como o próprio Preciado aponta, é um incentivo para que se alarguem as fronteiras da resistência, indo além do previsto, do normativo, do prescrito.

Estamos em frente a um novo capitalismo quente, psicotrópico e punk. Essas transformações recentes apontam para a articulação de um conjunto de novos dispositivos microprostéticos de controle da subjetividade com novas plataformas técnicas biomoleculades e médicas. (PRECIADO, 2008, p. 31-32, tradução livre).

É interessante pensar também que, embora as participantes do grupo focal tivessem dificuldade de assumir que assistiam pornô, todas, em diversos momentos do grupo, falaram do contato com a pornografia *mainstream* diversas vezes, contudo, deixaram claro que não se sentiam representadas nos filmes. Elas acreditavam que os homens gostavam desse estilo, mas que, para elas, era algo artificial e exterior, e, em compensação, a pornografia feminista foi um *frisson* de representações, uma vez que mostrou “mulheres reais”, com celulites, estrias, barrigas salientes, o que foi, para minhas interlocutoras, um alívio.

## Referências

BERGER, J. **Modos de ver**. Rocco: Rio de Janeiro, 1999.

BLANCO, G. A crise da indústria pornô - Pirataria acaba com o lucro dos filmes eróticos - e empresas pedem socorro ao governo dos EUA. IN: **Superinteressante**, 2009. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/crise-industria-porno-622453.shtml>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da Identidade. 3ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CABARET Desire. Direção: Erika Lust. Intérpretes: Lourdes “Lady Diamond”, Mario Mentrup, Liandra Dahl, Matisse, Sofia Prada, Samia Duarte, Didac Duran, Saskia Condal, Toni Fontana, Mistress Basia, Luizo Veja, Cava Cabaret. Barcelona. LUST Films, 2011. 100 min, stereo 2.0, color.

CARDOSO, L. **Retrato do branco racista e anti-racista**. (2010). Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1279/1055>>. Acesso em 20 fev. 2014.

DE LAURETIS, T. **Alice doesn't**: feminism, semiotics, cinema. Indiana University Press – Bloomington. 1984.



DE LAURETIS, T. Através do Espelho: mulher, cinema e linguagem. In: **Revista Estudos Feministas**. V.1, N.1. 1993.

DEBERT, G. G. Masculinidade, feminilidade e a reprodução das desigualdades. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 30, p. 409-414, Junho 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332008000100021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000100021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 abr. 2015.

DÍAS-BENÍTEZ, M. E. **Nas redes do sexo**: os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FIVE Hot Stories For Her. Direção: Erika Lust. Intérpretes: Sandra G, Lady Mai, Bobbie Eden, Sonia Baby, Rafa Garcia, Eduardo Romo, Ramón Nomar, Julia Taylor, Anthony Martinez, Daniel Royter, Claudia Claire e Lucas Foz. Barcelona. LUST Films, 2007. 120 min, son., color.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

LUST, E. **Good Porn**: a woman's guide. Seal Press: California. 2010.

NARVAZ, M. G; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

PINHO, O. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, June 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 dez. 2013.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Editora Espasa Calpe, 2008.

PRINS, BAUKJE; MEIJER, IRENE COSTERA. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, Jan. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02 abr. 2015.

RIAL, C. Guerra de Imagens: o 11 de setembro na mídia. Florianópolis: **Antropologia em Primeira Mão** - UFSC, 2003.

RIBEIRO P., C. **Tchau Tchou Velho Pornozão?**: a pornografia feminista de Erika Lust como narrativa reflexiva da sexualidade. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. 2014.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

SARTI, C. A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 31-48, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332001000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Apr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100003>.

SOIHET, R. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2005, vol.13, n.3. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a08v13n3>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

---

Recebido: 02 maio, 2015  
Aprovado: 07 maio, 2015